

CARTOGRAFIA GEO-LITERÁRIA: (ENTRE)DIÁLOGOS IGARAÚNICOS NA OBRA DE RAIMUNDO DE MORAIS

GEO-LITERARY CARTOGRAPHY: IGARAUNIQUE (AMONG)DIALOGUES IN THEWORK OF RAIMUNDO DE MORAIS

CARTOGRAFÍA GEO-LITERARIA: (ENTRE)DIÁLOGOS IGARAÚNICOS EN EL TRABAJO DE RAIMUNDO DE MORAIS

*Kirk Patrick da Cruz Vulcão*¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Brasil

*Rosane Balsan*²

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Brasil

Resumo: o trabalho possibilita a construção de uma cartografia Geo-Literária com ênfase na paisagem e memória a partir do romance “Os Igarauínas”, de Raimundo de Moraes. A obra escrita no ano de 1938 possui elementos característicos da História, Geografia e Literatura por meio de uma ficção literária e fio narrativo em que é retratada a Amazônia Brasileira, no estado do Pará, na temporalidade do primeiro quarto do século XX. Tem enquanto localização geográfica um sítio nas proximidades de Cametá/PA, no rio Tocantins. Aborda costumes, práticas, saberes e valores dos sujeitos da região do baixo e médio Tocantins. Apresenta elementos de Geografia Física e Cultural, religiosidades, aspectos políticos e econômicos.

Palavras-chave: Cartografia; Literatura; Geografia.

Abstract: the work enables the construction of a Geo-Literary cartography with emphasis on landscape and memory from the novel “Os Igarauínas” by Raimundo de Moraes. The work written in 1938, has characteristic elements of History, Geography and Literature through a literary fiction and narrative thread in which the Brazilian Amazon is portrayed, in the state of Pará in the temporality of the first quarter of the twentieth century. Its geographic location is a site near Cametá-PA, on the Tocantins River. It addresses customs, practices, knowledge and values of subjects from the lower and middle Tocantins region. It presents elements of Physical and Cultural Geography, religiosities, political and economic aspects.

Keywords: Cartography; Literature; Geography.

Resúmen: el trabajo posibilita la construcción de una cartografía Geo-Literaria con énfasis en el paisaje y la memoria a partir de la novela “Os Igarauínas” de Raimundo de Moraes. La obra escrita en 1938, tiene elementos característicos de Historia, Geografía y Literatura a través de una ficción literaria y un hilo narrativo en el que se retrata la Amazonía brasileña, en el estado de Pará en la temporalidad del primer cuarto del siglo XX. Su ubicación geográfica es un sitio cercano a Cametá-PA, sobre el río Tocantins. Aborda costumbres, prácticas, saberes y valores de sujetos de la región del bajo y medio Tocantins. Presenta elementos de Geografía Física y Cultural, religiosidades, aspectos políticos y económicos.

Palabras-clave: Cartografía; Literatura; Geografía.

¹ Aluno de Mestrado do PPGG (Programa de Pós-Graduação em Geografia) da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: kp_vulcao@hotmail.com

² Professora do Curso de Geografia e do PPGG (Programa de Pós-Graduação em Geografia) da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: rosanebalsan@mail.uft.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, se nutre de uma busca: descobrir o que cabe no panelo e no pariré da imaginação. A escolha da obra literária *Os Igarauínas* é decorrente do desafio intelectual em percorrer os sentidos do texto pelos olhares geográficos, históricos e literários. Raimundo de Moraes não é considerado autor canônico pelos círculos literários e pelo mundo acadêmico. Sua representação amazônica foi registrada em mais de uma dezena de obras, que datam do início dos anos 1920 até a década de 1940. Uma significativa gama de escritos que tornam interessante e singular a leitura e a tentativa de compreensão. Cândido (2010), ao pesquisar sobre a poesia popular, analisou as relações entre literatura e sociedade, observou superposição de extratos em sua diversidade, amostragem representativa e validade da reconstituição (por meio de documentos e oralidade). Seria, então,

[...] a identificação dos modos de construção ficcional aos modos de uma leitura dos signos escritos na configuração de um lugar, um grupo, um muro, uma roupa, um rosto. É a assimilação das acelerações ou desacelerações da linguagem de suas profusões de imagens ou alterações de tom, de todas as suas diferenças de potencial entre o insignificante e o supersignificante, às modalidades da viagem pela paisagem dos traços significativos dispostos na topografia dos espaços, na fisiologia dos círculos sociais, na expressão silenciosa dos corpos (RANCIÈRE, 2009, p. 55).

Raimundo Moraes nasce em Belém/PA em 1872 e falece na mesma cidade em 1941. Acompanhava desde cedo seu pai, que era prático de embarcações. Aos 18 anos, obtém a carteira de prático e piloto fluvial, passando a percorrer muitos dos rios da planície amazônica. Adentra na vida literária aos 52 anos com a obra *Notas de um jornalista* e até o ano de 1940 tem uma intensa produção literária (LAREDO, 2007). Serve-se da observação e de registros de usos e costumes, vida indígena, crença e tabus religiosos, caracteres simbólicos, cosmogonia e mitologia amazônica, geografia, presença do negro e diversos temas (festas e rituais).

Essa narrativa geoliterária dialoga com Geografia, História, Literatura e Memórias de comunidades que viveram no rio Tocantins por meio da integração de diversas linguagens (a exemplo da escrita e da oral). Essas comunidades integraram a cultura da região tocantina por meio de seus deslocamentos e fixações. Dessa forma, ficção

histórica, cartografia literária e narrativa geográfica são evidenciadas pela história ficcional de um coronel da região norte do Brasil, chefe político local que é envolvido em um universo cultural circunscrito na região do baixo e médio rio Tocantins. Isso porque

[...] Lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado e assim essenciais para a geração do novo. O espacial, em seu papel de trazer distintas temporalidades para novas configurações, desencadeia novos processos sociais (MASSEY, 2008, p. 111).

Loureiro (2015), no que tange à cultura, por intermédio do imaginário, situa o homem em uma grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda. O imaginário possibilita uma transcendência dos espaços físicos delimitados, bem como da temporalidade. O mítico e o poético apresentam afinidades em tons de paralelismos. O mítico traz em si um conjunto de significados carregados de exacerbações voltadas à grandiosidade e transcendência das limitações humanas. O poético, por sua vez, possibilita o exercício de imaginação e sugestão além da racionalidade objetiva. Temos uma poética do espaço engendradora na formulação de uma teia de relações a partir de metáforas animais, vegetais e seus seres. Sabemos que

Não é o conhecimento do real que nos faz amar apaixonadamente o real. É o sentimento que constitui o valor fundamental e primeiro. A natureza, começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe, porque a amamos em geral, sem saber por quê. A descrição entusiasta que dela fazemos é uma prova de que a olhamos com paixão, com a constante curiosidade do amor. E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial (BACHELARD, 1989, p. 123).

Não há narrativas "ingênuas". Elas trazem em seus interstícios a (re)produção de hegemonias, bem como rupturas e suas correlações acerca do imaginado e do real. A narrativa literária emerge enquanto situação problematizadora e suscita questões fomentadoras de dialogicidade entre Geografia, História e Literatura sob a ótica da espacialidade. É uma pluralidade que assemelha e opõe verdade e ficção de formas sutis, imaginação e falas autorizadas. Nota-se, a partir de Larrosa (2016), que o engendramento

e a legitimação das relações de saber resultam na oposição à narrativa una. Assim, há um convite na experiencição do fato, este, desprovido da previsibilidade.

Tocantins (1973) evidencia a vida do homem em um encadeamento de coisas e seres, uma interdependência com todos os coabitantes do mesmo espaço, ele é, nas suas relações, ao mesmo tempo passivo e ativo. Tal compreensão perpassa sob critérios geográficos, ecológicos e de nutrição na relação dos sujeitos para com o seu meio. O regional,

[...] Nascendo à beira d'água, [...] afeiçoa-se, desde criança, ao pequeno caniço iscado com o pirão, com a minhoca, para fisgar os mandis, primeira e singela etapa da desenvolvida haliêutica regional, que vai do caniço ao anzol de linha, ao arpão, ao arco e flecha, ao cacuri, ao matapi, à tinguijada, batição, tarrafa, ao espinhel, numa sequência em que se pode incluir muitos outros métodos secundários de origens e apelidos caracteristicamente indígenas. São maneiras diferentes usadas para o mesmo fim: o aproveitamento alimentar da rica fauna dos peixes, dos crustáceos, dos quelônios e cetáceos (TOCANTINS, 1973, p. 157).

E, na dialogicidade entre homem, tempo e natureza, manifesta nas práticas e vivências sob a forma material que resultam em conhecimento intergeracional alicerçado por forte empiria e transmissão oral, encontra-se o interlúdio para com o rio Tocantins. E nesse rio, a busca por uma interpretação da sociedade parte da realidade geográfica vivenciada, acrescentando-se exame de processos que culminam na elaboração de valores culturais. Estes perpassam pela dialogicidade do homem com a biosfera. A geografia torna-se dinâmica e reflete nos caminhos que andam os homens. Não há fixação, mas fluidez. O tempo cronológico cede espaço ao tempo hidrológico e manifestações cíclicas da natureza sob forma de seca e/ou inverno, bem como de suas intercorrências.

2. GEOGRAFIA LITERÁRIA

A relação geo-literária oferece nortes de pesquisa e possibilidades de leituras geográficas do mundo a partir da aproximação de suas linguagens e promoção do diálogo entre suas formas de conhecimento. A literatura dispõe da capacidade de criação de mundos a partir das representações elaboradas, das influências manifestas na realidade e da criação de novas realidades (imaginárias, ficcionais ou verossimilhantes). Fernandes (2017, p. 40) evidencia “a capacidade da literatura de propor uma aproximação entre a

arte e ciência, objetividade e subjetividade, razão e sensibilidade, entre a racionalização da realidade e a sua percepção sensorial”.

A busca de uma geografia humana que dialogue com a literatura, implica não se olvidar o humano em detrimento ao material. A intensificação da intertextualidade aproxima o universo temático encontrado no romance e gera tensionamentos nas fronteiras das ciências sociais (geografia e história) na medida em que propõe diálogo com a arte (literatura). O resgate de um autor resulta no embate de questões referentes à condição humana e social explicitadas a partir do seu tempo histórico, mas que reverberam ao longo do tempo. É um universo em comunicação por meio das interações sociais de negociações, ações e ressignificações por parte dos sujeitos, interesses, das afinidades e diversidades.

Pode-se inferir uma constante oniricidade evidenciada pelas paisagens naturais idealizadas e transformadas de acordo com os interesses de ocupação dos espaços e seus aproveitamentos. Bachelard (1989, p. 6) demonstra que, “expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material”.

Na obra *Os Igarúnas* há cenários empíricos e pragmáticos, bem como observações e análises de viés científico. Notam-se aspectos de solidariedade a exemplo do putirum (ação de limpeza de algum terreno para plantio ou construção de casa); preocupações manifestas a partir da doença de algum conhecido e busca da cura física e espiritual por meio de promessas a santos e rituais de pajelanças. Há relações de afetividade por meio das fogueiras de São João e sincretismos quando da presença de mitologias, cosmogonias e fantasias zooantropomórficas.

Bachelard (1989) aponta que forças imaginantes da mente desenvolvem impulso a partir da novidade, do pitoresco, da variedade, do acontecimento inesperado. Aspectos físicos e geográficos constituem-se em elementos de paisagem concreta perpassados pela ação antrópica humana por meio do estabelecimento de sítios, povoados e roças. As paisagens ganham um elemento de universalidade por pertencerem a um mesmo tecido espaço-temporal com o qual os agentes se relacionam com vistas à subsistência e maneiras de agir.

O ciclo das marés no âmbito do ir e vir é influenciador das relações de pesca e variável de facilidade/dificuldade das relações práticas que englobam a dualidade força/resistência. Ao longo do texto, há momentos aprazíveis acerca do banho nas águas esverdeadas dos rios, mas há morte em face do insucesso na travessia dos rios e dos naufrágios. A vida dialoga intermitentemente com o rio a partir de cestarias, confecções de redes, remos decorados e outros. Encontram-se elementos mágicos como a metamorfose dos seres aquáticos como o boto, a iara, a cobra-grande e as traquinagens dos choques dos poraquês.

Os locais de fala e de escrita de Raimundo de Moraes perpassam pela sua história e condições sociais vividas. Indicam-se algumas ressonâncias de sua história pessoal em sua produção literária. As relações entre a escrita, linguagem e classes sociais podem ser pensadas no âmbito da geografia enquanto ciência. A geografia pode repensar suas formas de elaboração de discurso crítico em relação à sociedade e aos indivíduos que deseja mobilizar.

Nesse sentido, emergem possibilidades de diálogo com a literatura e o quanto novas formas e conteúdos podem ser apresentados para a constituição de um discurso geográfico mais próximo às pessoas. Reconhece-se o potencial geográfico da literatura e sua possibilidade de contribuição ao discurso científico. A fim de alcançar a representação e o olhar da geografia em um contexto de espaço fluido, faz-se necessária a reinvenção da linguagem cartográfica para representar a realidade geográfica. Uma possibilidade perpassa pelo reencontro de linguagens e

[...] os parâmetros de uma cartografia geográfica já estão postos: estão presentes na linguagem semiológica das novas paisagens. Mapear o mundo é antes de tudo adequar o mapa à essência ontológica do espaço. Representar sua tensão interna. Revelar os sentidos da coabitação do diverso. Falar espacialmente da sociedade a partir da sua tensão dialética. Mas tudo é impossível, repita - se, sem uma semiologia da imagem (MOREIRA, 2014, p. 3112).

A compreensão do espaço enquanto existência do homem o inclui enquanto elemento chave de sua ontologia e o permite ir além do que estar, ver e pensar o espaço como seu modo de ser. O entrecruzamento de várias modalidades de fontes possibilita alcançar a maior amplitude possível das dimensões das relações sociais estudadas e observadas no contexto histórico-social e o diálogo com o pensamento crítico. A

cristalização de uma obra se torna metáfora do que deve vir a ser, relacionando os aspectos de análise com o novo contexto social, político e cultural.

3. ANÁLISE LITERÁRIA

A interpretação literária resulta em acréscimo significativo ao objeto interpretado, em que a adição se torna parte elementar da coisa apresentada. A gradação de força decorre da correlação do elemento proposto em face da aderência do texto em questão. Os signos verbais presentes na obra literária, na dialogicidade de sua criação e do eu criador, possuem elementos que se vinculam ao processo cultural. “A literatura, cria significantes e funda significados. O texto literário é multissignificativo” (FILHO, 2004, p. 38).

A pluralidade de significados associa-se ao sociocultural e passa pela inventividade da criação artística. Sua estrutura não se encontra encerrada, ressaltando ambiguidades que possibilitam atualizações e releituras. Suscita interpretação do presente e restauração emocional pretérita. A ação literária é uma forma de revelação da sociedade, pois apresenta e permite determinar as características de estilo de uma época sob forma de unidades periódicas. As expressões metafóricas manifestas na obra artística têm característica de ornamentação, enaltecimento, transformação, justificativa, dentre outras. Sua referência à realidade tem viés de orientação valorativa na materialidade, mas há elementos de beleza livre e abstrata.

A obra é delimitada no espaço e no tempo e com algumas concretudes. No caso da leitura de um livro, são necessárias separação de horas para sua leitura, e seus elementos textuais, tipográficos encontram-se estruturados por páginas e encadernação. Mas essa objetificação não fica estática, a obra encontra vida e significância no mundo social, cognitivo, cotidiano, econômico, moral, político, dentre outros.

O plurilinguismo manifesto no romance permite uma dupla locução. Representa intenção direta do personagem e implicitudes do autor. Há multiplicidade de vozes, sentidos, expressões, diversas visões de mundo e diversas linguagens. A prosa literária evidencia elementos concretos, relatividades históricas e sociais da palavra na participação, transformação e nas lutas, “a linguagem do romance é construída sobre uma interação dialógica ininterrupta com as linguagens que a circundam” (BAKHTIN, 2014,

p. 91). Ela ajuda a enxergar e a construir representações (imagens) das linguagens sociais. Dessa forma, a originalidade da linguagem será manifesta ao correlacioná-la em línguas integradas na contrariedade do devir social. Assim,

As linguagens do plurilinguismo, como espelhos que apontam um para o outro, cada um dos quais refletindo a seu modo um pequeno pedaço, um cantinho do mundo, forçam a adivinhar e captar atrás dos seus aspectos mutuamente refletidos um mundo mais amplo, com muito mais planos e perspectivas do que seria possível a uma única linguagem, um único espelho (BAKHTIN, 2014, p. 204).

Bakhtin traz um conceito muito válido para a análise literária, o cronotopo (a ser entendido enquanto categoria de tempo e espaço), que atravessa o indivíduo histórico real e que está presente na obra literária. “Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico” (BAKHTIN, 2014, p. 211). Na literatura, sua manifestação provoca funções composicionais: nós, clímax ou desfecho.

A imagem humana é múltipla e composta. Estão inscritos e escritos no núcleo, invólucro, interior e exterior. A unidade de lugar cria e marca temporalidades correlatas. A atenuação temporal em face da ação do lugar produz o sentido de ritmo cíclico. Esse aspecto torna-se nítido ao separar-se da progressão histórica, no qual as mudanças caracterizam em refazer a vida sobre um único lugar e tempo. Dessa forma,

[...] o princípio fundamental do regionalismo em literatura – a indissolúvel ligação secular do processo de vida de gerações com uma localização circunscrita – retoma nitidamente a relação idílica do tempo como o espaço, a unidade do lugar idílico onde se desenrola todo o processo da vida. No romance regionalista, o próprio processo da vida é ampliado e detalhado (o que é impensável nas condições do romance); nele se destaca o lado ideológico – língua, crenças, moral, costumes – e além disso ele também é mostrado em ligação ininterrupta com a localidade determinada. No romance regionalista, como no idílio, todos os limites temporais estão abrandados e o ritmo da vida humana concorda com o ritmo da natureza (BAKHTIN, 2014, p. 336-337).

O cronotopo define artisticamente a unidade de uma obra literária em relação à realidade. Contém um elemento valioso, perceptível a partir de uma análise abstrata, que não se desfaz de nuances emocionais. De modo reflexivo, pode-se questionar de qual ponto espaço-temporal o autor observa os acontecimentos que são manifestos em sua

obra. Talvez uma interlocução entre memória e conhecimento, em que há manifestações humanas não explícitas na temporalidade sócio-histórica vivida. O presente tem caráter inacabado, torna-se fonte e norte literário e ideológico para as criações humanas, em que

[...] a obra e o mundo nela representado penetram no mundo real enriquecendo-o, e o mundo real penetra na obra e no mundo representado, tanto no processo da sua criação como no processo subsequente da vida, numa constante renovação da obra e numa percepção criativa dos ouvintes-leitores (BAKHTIN, 2014, p. 358).

A paisagem é uma composição, pois “[...] formas de relevo, diferentes tipos de cobertura vegetal, ocupação das terras, entre muitos elementos, se associam de maneira original e configuram uma paisagem” (GOMES, 2013, p. 21). Para o autor, a alteração espacial do que se observa tem por consequência afetar percepção, apreciação e interesse. A posição não é definitiva, uma vez que os lugares se relacionam na interação da referência espacial e da natureza manifesta. A descrição na Geografia ressoa em uma dicotomia entre a empiria/morfologia dos lugares e a visão processual a partir de movimento e inserida em narrativa.

A literatura se vale do recurso metafórico da relação espelho-espaco pelo refletir e relacionar personagens e lugares. Calca-se na identidade territorial e converge na imposição de valores e atributos aos elementos físicos e humanos da obra. Tal efeito decorre da descrição e manifestação imagética, um somatório de figuras valorizadas e de sentidos impostos com a intencionalidade da universalidade e da equivalência. A fim de superar tal homogeneidade, “[...] qualquer espaço tem uma dinâmica complexa e que sua compreensão não se esgota na funcionalidade trazida por um único aspecto. Não parece razoável conceber que um espaço esteja estruturado segundo apenas um elemento (GOMES, 2013, p. 307-308).

Para Collot (2013), a literatura e, em seu território, a poesia são campos propícios para pensar a experiência da paisagem que se inscreve, no sensível da linguagem, pois a paisagem provoca o pensar, e o pensar se desdobra como paisagem. Ao evocar o diálogo a partir do pensamento-paisagem, demonstra que ela é uma percepção espacial de um olhar, uma extensão locacional aparente ao observador. A noção de paisagem abarca três componentes em uma complexa tessitura: um local, um olhar e uma imagem. Por

consequente, o encontro entre o mundo e um ponto de vista implica na paisagem como fenômeno, pois transcende a representação e uma mera presença.

4. “OS IGARAÚNAS”

Introdutoriamente, Moraes (1985) evoca que os movimentos espaciais do povo paraense oriundam das interações com o rio. Remar, caçar, pastorear e diversos entrecos da vida social, religiosa ou militar tem como elemento material a canoa. Por meio dela, foram percorridos os mais diversos rios da planície amazônica. As linhas de penetração fluvial foram percorridas de baixo para cima. O ponto de referência foi a natureza em seu toldo arbóreo, um oceano de folhagens, construções materiais vide fortins e fortalezas, enquanto marcos da presença colonizadora europeia.

No amanhecer do dia, do alto de uma barranca do Sítio Redentor, após uma noite de manifestações visagentas, encontram-se alguns dos personagens: o Coronel Igarauína e a citação ao nome da esposa (Viturina). É apresentado João Cabeludo, jovem de 25 anos: “– Me esqueci, retrucou o João Cabeludo, que não era só o mariscador, o pescador, o caçador, mas também o ajudante de cozinha, o remador, e até o capanga do coronel nas eleições. Xerimbabo da casa, fazia de um tudo, na frase elogiosa da família Igarauína” (MORAIS, 1985, p. 21). Merandolina é uma cunhatã (jovem mulher) de 16 anos, e a Velha Andreza é uma senhora de 50 anos que havia sido educada em um colégio de freiras.

Após breve diálogo entre os presentes, são ouvidas remadas. Tratava-se do promotor da cidade que estava a caminho do sítio de propriedade do Major Fidelis. A força da embarcação provinha do esforço humano de remadores, aproveitando a força da maré e, após aportarem e terem alguns breves momentos de conversa (acompanhado por aguardente), deram sequência à viagem. Os habitantes do sítio após o almoço, depois de terem dormido a sesta e com o sol se pondo, sentaram-se no trapiche. Há uma descrição onírica que representa o momento:

A água verde do Tocantins parecia refletir a clorofila da mata. A superfície fluvial dir-se-ia um espelho de esmeraldas que reproduzia tudo. As árvores ribeirinhas, de perfil invertido, tinham aparentemente a copa no fundo do rio e os caules voltados para cima. À menor agitação na grande lâmina líquida e glauca o tronco dessas árvores tremia na

miragem mergulhada. No ar, de vez em quando o cariz azul do céu via-se riscado por uma asa. Passavam araras aos pares; papagaios e periquitos aos bandos. De longe em longe, num voo lento e ritmado, como um capulho vivo de algodão esvoaçante, quebrava o friso verdoengo da beirada, uma garça branca.

As estrelas já surgiam piscando, inquietas. Espalhavam-se sombras em substituição às penumbras; e trevas em substituição às sombras. A natureza, exausta do grande lume aceso de dia, transformava o crepúsculo ensanguentado num escuro sudário. O relampaguear dos morcegos mal abria lampejos de brasa negra no espaço. A parábola dos asteroides, riscando o céu, deixava um vinco fugidio de fósforo na esteira. O recolhimento do sol, afundado na folhagem, tinha alguma coisa de olímpico, de sagrado, de litúrgico, como se a natureza encerrasse o ciclo da claridade com o rito das estrelas palpitantes. (MORAIS, 1985, p. 24).

A viagem do Coronel à Belém (para tratar da eleição municipal) movimentou as rotinas e os afazeres dos moradores do Redentor. Era um frequente lavar, passar e costurar as vestes do proprietário. Ao se considerarem as dificuldades de locomoção do início do século XX, assim que foi divulgada e circulada a notícia de que o coronel ia a Belém, houve um fluxo de vizinhos a demandar entrega de materiais e realização de pedidos a serem trazidos. Frutos, animais, livros, armas, santos e tantos outros faziam parte das demandas.

Acondicionados os volumes, quando do embarque, Anastácio teve sua rede armada. Despediram-se às vistas de lenços, lágrimas e lamparinas a iluminar. Seguiram viagem. Havia segregação espacial referente a ocupação dos lugares dentro da embarcação. Os mais abastados dispunham de privacidade e locais próprios para higienização, ao passo que outros eram incomodados pelas rotinas de limpeza da embarcação. Moraes faz uma menção ao que considera as características necessárias a um comandante de embarcações:

Seus sentidos ganham delicadezas de aparelhos vivos, remarcando mil nuanças físicas, de aspectos cósmicos. Vem-lhe daí o apuro das visadas por uma nuvem, por um rebojo, por um barranco, por uma árvore decifram enigmas lacrados para outro qualquer estranho aos trabalhos de bordo. O retardatário desta aprendizagem não sabe ler os símbolos estampados nos múltiplos panoramas do céu e da terra; é fechado aos avisos como se fora de pedra; e sofre o castigo dessa ignorância, mal pretende dirigir um gaiola (MORAIS, 1985, p. 34).

Em decorrência de tempestade, a embarcação naufraga. Fica evidenciado o desespero da tripulação e de passageiros quanto ao apego à vida e sobrevivência ante a

promessas junto a santos católicos. Registram-se também promessas que evidenciam a possibilidade de não serem pagas. Na referida passagem, o autor denuncia práticas que colocam em risco os viajantes. Elas estão representadas pela ausência de regimentos, códigos de sinais, ausência de coletes salva-vidas (emprestados de outras embarcações, quando de ações fiscalizatórias pela Capitania dos Portos).

Anastácio sobrevive e finaliza a viagem até Belém. Quando lá chega, é instalado em hotel e narra sua versão para os jornais. Estes, a reescrevem deturpando a versão do coronel. O protagonista adentra na sede do partido Mamanãomama a fim de traçar as estratégias para o pleito eleitoral vindouro. Ressalta as dificuldades de vida, evidencia as relações nepotistas e despotistas do grupo político ao deputado Isidro Mombança (uma adaptação de palavras a fim de referir-se a Deodoro de Mendonça), bem como uma referência ao grupo político de Antônio “Totó” Ramos Caiado no estado de Goiás. A fim de se conquistar o eleitorado, torna-se necessário o uso de dinheiro, peças de vestuário e alimentação. Descreve a situação da seguinte forma:

- Esta gente da capital não sabe o que é roça. Nem ao menos faz uma idéia. Caboclo come pra burro, principalmente em casa alheia. Quando se destina à eleição o que ele deseja não é votar, mas encher o bandulho, beber, dançar, flautear. Um gole da branca de vez em quando, bom cavaquinho, boa viola, boa harmônica, até berimbau, e está consumado o pleito. Nem se lembra do mais do motivo da reunião (MORAIS, 1985, p. 51).

Ao ser inquirido por um comerciante português acerca da eleição no interior, lança mão da seguinte fala: “- É que a eleição, no interior, reafirmou o coronel, é apenas uma farsa. Dois, três dias antes, às vezes uma semana, já as atas estão lavradas. Quem tem de ser eleito, na véspera do pleito sabe do caso” (MORAIS, 1985, p. 53). Após três dias, Anastácio regressa ao Redentor viajando a bordo do *General Jabá*. Se na primeira viagem havia relativo conforto e boa comedoria, nessa ocorreu o contrário. Parcas refeições e mesmice, além da água ser odorífera, quando do uso. Esses dissabores eram suplantados pelo desejo do regresso ao lar:

- A quem vai p’ra casa todos os santos ajudam, refletia o coronel. Estou com vivas saudades, acrescentou, da minha barraca, dos meus xerimbabos, dum bom tucunaré assado de grelha com sal, limão, pimenta e farinha branca torrada. Anseio por um banho de duas horas no rio para largar esta piolheira que apanhei no raio da cama do frege.

Quero ver estas parasitas do diacho aguentam comigo no mergulho. Quando eu boiá não tem um p'ra contar a história. Vivem me chupando de manhã e de tarde (MORAIS, 1985, p. 54).

Após a embarcação sofrer um abalroamento e adentrarem insetos, inicia-se uma conversa entre o Anastácio e Emília Snethlage. São discorridos aspectos de fauna, flora e sociabilidade das gentes. Ela ressalta a sua missão ornitóloga rumo ao alto Araguaia em busca de um Uirapuru. O Coronel a convida para realizar sua busca no Redentor. Oferece suporte material, cuja oferta é gentilmente agradecida pela europeia, enaltecendo a hospitalidade amazônica. Há um saboroso diálogo referente à maniçoba, ao açaí e à tapioca. Na atividade da observadora, temos:

D. Emília Snethlage, sentada numa cadeira de lona à proa, de binóculo em punho, ia observando esses típicos e curiosos trechos da grande orla do estuário tocantino. As manifestações botânicas, os taludes, baixos como ravinas, os sítios, bem tratados uns, abandonados outros, as barraquinhas pobres de troncos de miriti tuíras deitados no porto, a maneira de ponte de desembarque, a criação galinácea, as crianças nuas nos terreiros, os cães latindo, as reduzidas hortas em paneiros e vasilhames furados espalhados em giraus, os pecos jardins de crótons e cristas de galo, as cordas de roupa secando, tudo enfim era motivo dum alto exame da parte da naturalista (MORAIS, 1985, p. 61).

Na continuidade dos diálogos, é apresentada a significação de *Igaraúnas*. Refere-se às pessoas que navegavam nas canoas pretas, vivendo nelas. Pouco depois, o navio aportou em Cametá. Adentraram pessoas a fim de buscar encomendas e os que cumprimentavam o Coronel por encontrá-lo com vida. Na sequência da viagem, o gaiola aporta no Redentor, cujo trapiche estava lotado de montarias. Uma mistura de sensações, lágrimas e risos eram manifestos e, de súbito, um foguete explode no ar, graças ao João Cabeludo. Após o desembarque, Anastácio distribui bençãos às crianças presentes.

Em uma manhã de domingo, dia habitual de caça, João Cabeludo sente-se mal. Após a visita de Merandolina, esta nota o seu estado febril e providencia auxílio. Apesar de ter usado um arsenal herbáceo, agregado à chás e emplastros, a saúde de João não apresenta melhora. Em face da ausência de médico e/ou enfermeiro, buscaram a velha benzedeira. A notícia acerca da doença movimentou a vizinhança. Vizinhos, amigos, compadres e curiosos vêm visitá-lo. A ausência de melhora, levou as pessoas presentes a trazerem o pajé Baranabé:

[...] Trazia um curumim, espécie de acólito, que o ajudava naquelas missas negras. Mandou saírem todos da barraquinha, fechou a porta com folha de japá, acendeu o cigarro de tauari, arrumou vários animais secos: sapos, camaleões, cobras, gaviões, jacurutus; empunhou pequeno maracá enfeitado de penas e começou, em torno da rede do mariscador, uma cantilena rouca, roufenha, incompreensível ao doente. João Cabeludo, com a porta fechada, sem ventilação começou a transpirar como se tomasse um verdadeiro suadouro. O zunzum do pajé acordou-o. abriu os olhos e pediu uma sede d'água. Baranabé retirou a folha de japá e, alegre, mandou buscar o líquido (MORAIS, 1985, p 80).

Dias depois, o Redentor volta à normalidade. Recebe em seu trapiche o navio *Andirá*, a serviço de expedições científicas. Desembarcavam e embarcavam mercadorias. Os cientistas presentes exploraram o terreiro. Estavam caracterizados pelos chapéus de cortiça, coturnos altos e binóculos a tiracolo. Despertava a curiosidade da plateia a situação de uma laranjeira com frutos intactos. Dona Vitorina assim responde: “– Porque essa é da santa, da Nossa Senhora das Dores. Dela só quem come é o vigário e o senhor bispo” (MORAIS, 1985, p. 84). Posteriormente, Anastácio chega com produtos alimentícios industrializados, chapéus e perfumes. Vitorina repreende o Coronel em razão de ele ter vendido um porco que estava prometido a São Benedito. O homem retruca, mas é novamente repreendido pela esposa.

É notória a importância dos festejos religiosos enquanto meio de socialização. Ganha destaque a festa do Divino Espírito Santo. Missas, ladainhas e novenas compõem um cenário de motivação sagrada. Há o anedótico e profano, manifesto nos foliões galhofeiros que, de certa forma, circulam entre o celestial e o infernal. Verifica-se a captação de recursos financeiros e materiais para o festejo por meio de visitas aos possíveis doadores, bem como a escolha do mastro do santo. “Em cada uma parada o dono do sítio dava p’ra festa o que podia, indo-se da galinha a cem mil réis, com escalas pelos jabotis, mutuns, saracuras, macacos, paneiros de farinha, arrobas de mapará, sacas de castanha, capados, jacamins, potes de mel, frisqueiras de cachaça” (MORAIS, 1985, p. 93).

No dia da festa, a habitação ficava cheia. Convidados vinham dos mais diversos lugares. Aos mais grados era oferecida a residência; aos de menor, as barracas; e aos mais simplórios, as árvores circunvizinhas. Em um extremo do mastro, foi afixada uma bandeira branca, com uma figura dourada ao centro. Simbolicamente, o Senhor dirigia-se aos Céus. A caminhada, uma procissão dentro da floresta, era acompanhada por romeiros

e romeiras. As vestes e os adornos, oriundos da fauna, lembravam as de São João Batista. Canções remontavam o sacro e o profano. O espetáculo pirotécnico era visível, acompanhado de regozijos e orações. A flora era representada pelas flores e adornos de palmeira, em que se acresciam a presença de velas. Também,

De vez em quando, corria uma cuia de mingau de banana, de milho ou de arroz feito com leite de castanha; furtivamente entre os homens circulava uma garrafa de cachaça, que ninguém sabia de onde vinha, pois o major Fidelis proibia o álcool nas suas festas. Isto tudo no terreiro, porque no barracão dançavam os “categorias”: majores, capitães, coronéis da Guarda Nacional com suas respectivas esposas, além da gente graúda que viera de Cametá. Aí o tratamento era mais fino. Uma grande mesa de frios e doces: leitões, perus, galinhas, patos, quartos de veado misturados com fios d’ovos, olhos de sogra, empadas, pés de moleque, fora cerveja, conhaque, vinho do Porto de Collares, licores, estes especialidades do Cacoalinho e feitos de cacau, genipapo, caju (MORAIS, 1985, p. 102).

As noites seguiam festivas por meio de ladainha, reza e dança. No alvorecer, os convidados retornavam aos seus lares, mudavam de roupa e à noite retornavam para a continuidade do festejo. Músicas Violas, cavaquinhos e flautas conduziam a sonoridade. O último dia acarretava na “[...] matação do pato, do pau de sebo, do jogo de argolinhas, estouravam as bombas e os foguetes. Pelas cinco horas da tarde do segundo domingo, após dez dias do levantamento, o machado falou. [...]” (MORAIS, 1985, p. 102). Homens vestidos de marinheiros derrubavam o mastro.

O religioso é acompanhado do sincrético e da zootropomorfização das vivências ribeirinhas. Um olhar especial merece ser referenciado aos seres das águas, a exemplo do boto e da iara:

A tradição nefasta do boto exerce não só um fluido perturbador na vida dos habitantes das margens, que é onde todos nós moramos, como se amplia e aumenta sempre que esse herói de mil façanhas é discutido nas narrativas ingênuas dos tapuios. De caráter fabulosamente hermafrodita, sua ação amorosa se alarga no meio das raparigas e dos rapazes. De vez em quando, e com irrequieta frequência, é uma cunhã atingida, pegada, na expressão típica da região, pelo boto. Entretanto, há casos de jovens tapuios que o cetáceo, no caráter da Iara, de sereia portanto, pega também e leva para o fundo dos lagos e rios, donde nunca mais voltam (MORAIS, 1985, p. 104).

Meses depois, Emília Snethlage (naturalista, ornitóloga e diretora do Museu Emílio Goeldi), ao regressar de uma expedição, aporta no Redentor. É recepcionada pelo Coronel Igaraúna e apresentada à esposa e aos demais moradores do sítio. Foi a oportunidade de se conhecer a pessoa de Emília. Ela desfruta da hospitalidade e não se roga de banhar nas águas do rio Tocantins. A partir de então, passa a conversar com os personagens da obra, em uma dialogicidade entre os saberes empíricos e científicos, não como hierarquias discursivas, mas de coexistências e complementações.

O tempo era de fartura. Abundavam o peixe, a caça, a fruta. O verão se aproximava, manifesto pelo descer das águas do inverno de outrora. Uma época de vicejamento e beleza:

[...] É uma festa da natureza presidida por alguma divindade silvestre. Os paus d'arco se cobrem de ouro e violeta. Os cipós enfeitam-se de corolas. As orquídeas explodem em ramalhetes, em buquês, em cachos de campainhas e cálices brancos, roxos, pintados, cróceos. O cheiro que se exala dessas caçoletas aéreas, entornando fragrâncias no éter, guarda e sutileza de essências de serralhos e de templos. Em certos recantos da selva, sobretudo na muralha de verdura das beiradas, a floração é tão alta que evoca um jardim de gigantes, pois as catleias e os catasetuns desabrocham lá nos frisos superiores. Os litorâneos taxizeiros, abrindo as flores como as hortênsias, brancas, vermelhas, azuladas, ferruginosas, reforçam a beleza marginal da mata nesses meses em que a água baixa. A floresta volve-se, enfim, numa fonte de aromas numa sinfonia de perfumes, numa onda de essências” (MORAIS, 1985, p. 149).

O putirum é uma prática social oriunda de um laço de ajuda mútua para a realização de uma tarefa, normalmente associada à produção agrícola. É comum que o anfitrião realize o convite aos participantes, antecipadamente, e os instrua acerca da organização do trabalho. O labor também tem o acompanhamento de folguedos por meio de ladainhas e danças, incluindo como temas o boto e a cobra grande. Há homens, mulheres, adolescentes e crianças. Dias alegres e sociáveis eram esperados:

O primeiro dia dos recém vindos foi gasto em combinar os postos. Distribuíram-se as funções de acordo, mais ou menos com a vontade de cada um. Fulano roçaria, Sicrano pescaria, Beltrano amolaria a ferramenta. Com as cunhãs, o mesmo. Cozinha, enchimento d'água, distribuição de comida, lavagem de peças de serventia, condução de objetos para as proximidades da zona de roçar, tudo enfim, que demandava esforço, distribuíram de maneira que, na outra madrugada, assim que o maria-já-é-dia anunciou a aurora, todos estavam de pé. A

farinha, destinada aos trabalhadores durante o período em que se fazia a roça, fora feita com antecedência (MORAIS, 1985, p. 153-154).

O corte de árvores era seletivo, certas espécies eram proibidas de serem abatidas. Encontram-se nesse rol cumarus, pupunhas, castanhas, sapucaias, copaíbas e andirobas. Mas não se preocupavam com o babaçu. As mulheres da casa Igaraúna chegaram no final do evento, a *varrição*:

À boca da noite, desse último dia do putirum, rezaram uma ladainha puxada a sustância e, seguidamente surgiram as danças finais daquele exórdio agrário. O regozijo era completo porque dessa feita não ocorrera a menor desgraça. Sempre caía galho na cabeça dum; ninho de caba na daquele; lagarta de fogo na de um outro. Este se ferira no terçado, este outro no machado, aquele outro no espinho. Agora nada. Haviam, de fato comido todas as reservas do sítio. Cinquenta paneiros de farinha e duzentos pacotes de mapará salgado, viraram ponta de cigarro. Alguns xerimbabos como porcos, jabutis, galinhas, picotas, voaram (MORAIS, 1985, p. 155-156).

Snethlage regressa a Belém, após coleta de espécimes no sítio de Anastácio. O coronel vai até Cametá para tratar de assuntos da eleição e regressa aflito, seja pela baixa do preço da castanha, a doença do filho mais velho ou a movimentação política e suas imbricações na vida religiosa da cidade. Destaque para a suposta prática maçônica do vigário da paróquia de Cametá e as constantes trocas da imagem de São João Batista, movida pela situação de qual grupo político estava no poder.

No dia da eleição, as supostas cartas marcadas são desmarcadas. “Mortos são ressuscitados para votar” e, por conseguinte, o grupo do coronel Igaraúna perde. A esposa o aconselha a se afastar de tal meio, ressaltando que a sustentação da família não necessita de política e tampouco de politicagem. No entanto o patriarca sabia o que iria advir: perseguição política com reflexos nos negócios. Os filhos foram os primeiros a sofrerem com esse desdobramento. Necessitaram desfazer das propriedades de Marabá e decidiram regressar a Cametá. Em uma madrugada, singraram pelo rio. Traziam hectolitros de castanha, animais e joias. O aparente infortúnio os aproximava no exercício de suas afetividades. O rio praticamente seco obrigava que a viagem transcorresse diurnamente.

Após conversa e negociação, a família Igaraúna seguiu uma canoa de mineiros (que subiam o rio Araguaia). Aproximavam-se dos saltos e cachoeiras que compunham Itaboca. Combinavam trajeto, evolução e distâncias. Mas a travessia em águas perigosas

ceifa a vida dos filhos do Coronel Igarauína. Dias depois, Anastácio, ao receber a notícia do infortúnio, vem a falecer:

Os vizinhos velavam o corpo bebendo café e comendo beijos. Alguns namoravam, outros detratavam de inimigos, ninguém, todavia se ocupava do finado. Se não fora a presença do cadáver, o serão podia ser de festa. Nhá Andreza, que isso observava, marcou decepcionada o fato. Os ódios e as malquerenças surgiam ali inospitados. As pilhérias esfuziavam a propósito do canto dum galo, do pio dum ave, dum fruto caído. Contavam-se histórias brejeiras do uruá e dos casamentos de fogueira [...] (MORAIS, 1985, p. 189).

A canoa que transportava o defunto tinha, além dos remeiros, os moradores do sítio. Vizinho algum acompanhou o cortejo pelas águas. No retorno, a viúva cai no rio e não é encontrada. O Redentor fica abandonado. João Cabeludo, acompanhado por Merandolina, é contratado como mariscador para o lugar chamado Remanso (situado no estado do Acre), de posse do coronel Rapa-Côco. O menino Benedito é entregue ao juiz substituto local. Por sua vez, Nhá Andreza não tinha perspectiva de alocação e foi recebida por uma afilhada em Belém, cujo marido atuava em negócios escusos. A vida do casal cametaura é em seu início árdua, mas o conhecimento de ambos acerca dos elementos da natureza favorece a adaptação ao novo local de moradia e vivência. O seringal acriano muda de feição, trocando a ausência pela fartura.

5. PERCEPÇÕES GEOGRÁFICAS

Um ambiente pode se tornar uma paisagem, quando é percebido por um sujeito, e o sentido dela é construído por meio do entendimento das relações que a unem. A paisagem transcende o sentido da visão, é um conjunto sensório-corporal da dimensão subjetiva, percebido de múltiplas maneiras e experiências. Na relação paisagem e literatura, a paisagem não é a região, mas um modo de observá-la em um contexto organizado perceptivo e/ou estético móvel que confere acesso à realidade. A compreensão/apreciação de uma “paisagem” artística ou literária vai além dos aspectos físicos, mas os modos e as maneiras de como é “abarcada” e expressa. O sentido de uma paisagem decorre de uma interação constante de circularidade entre o interno e o externo por uma percepção de ser-no-mundo e fenomenológica. Dessa forma, a “paisagem” de um escritor não se limita aos locais de vida, viagem ou trabalho.

Tuan (2015) evidencia a familiaridade entre “espaço” e “lugar” por meio das experiências. “O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 2015, p. 8). É possível medi-los e mapeá-los, codificá-los por leis e produzir inventários. Sob o viés de uma perspectiva experiencial, as emoções manifestam a policromia da experiência humana e seus pensamentos. A experiência manifesta passividade, e a palavra sugere o que foi suportado ou sofrido. É também aprendido, pois há atuação e criação a partir do dado. “Para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto. Para se tornar um experto, cumpre arriscar-se a enfrentar os perigos do novo” (TUAN, 2015, p. 14).

A aquisição de significado do lugar para alguém é mediada pelo acréscimo de sentimentos ao longo dos anos e manifestas pelo corpo, relações pessoais e valores espaciais. As pessoas tendem a considerar o seu local natal enquanto o centro do mundo, diferenciando o espaço ao seu redor. A mensuração de distâncias tem por base a experiência e a ideia de esforço. Nesse sentido, há uma reflexão importante: “a distância social pode ser o inverso da distância geográfica” (TUAN, 2015, p. 56).

A constituição do espaço é uma extrapolação limitadora de um ponto de vista ou de um sentimento. Ela abarca condições de vida, apreciação cultural e transforma-se em conhecimento quando são percebidos movimentos e mudanças locais. Afetivamente, a familiaridade converte o espaço em lugar. A dialogicidade da interpretação cartográfica converge na habilidade do cartógrafo em representar o simbólico e, ao observador, simbolizar a representação; a leitura e o conhecimento entrelaçam-se nas intersecções de pontos e linhas de múltiplas realidades. “Que elementos da cultura, da sociedade e do ambiente físico afetam as habilidades espaciais e o conhecimento das pessoas?”. Ou mesmo: “Que condições encorajam as pessoas a experienciar seu meio ambiente e ter consciência dele ao ponto de procurarem captar sua essência em palavras e mapas?” (TUAN, 2015, p. 86).

O espaço e o tempo são norteados pelo pensamento e pela atividade. Por sua vez, o tempo histórico e o espaço orientado derivam da experiência. A intencionalidade de ir suscita um tempo histórico, e o lugar converte-se em objetivo no tempo futuro. Nas vivências íntimas com o lugar, o espaço é transformado pela definição e significado, perceptível na categorização da distância no ínterim de objetivo ou lugar. Para Serpa

(2021), a Fenomenologia possibilita regressar a experiências e práticas espaciais primevas, nas quais é construído o referencial acerca de mundo e de lugar. São decorrentes da elaboração científica e de representações conceituais, permitindo uma sincronia de crítica e de renovação do conhecimento geográfico.

A paisagem assume caráter operacional na produção de conceitos, na realização de levantamentos empíricos. Geografia e paisagem adquirem existência e ontologia. Com relação ao fenômeno, passa a ser mediado e obtido pela situação, resultante do contexto e do momento em que ocorreu. O tempo fenomenológico torna-se sincrônico e processual. O mundo intersubjetivo exibe a transcendência pelo compartilhamento de ações antrópicas. No propósito de construção de uma perspectiva dialético-fenomenológica, a história colabora com a geografia, por ser um recurso de suma importância na significação temporal dos fatos. Lugar e território evocam experiências geográficas similares ou diferentes que trazem em seu bojo a vivência.

A intencionalidade do olhar é lançada sobre um lugar e emergem elementos significativos que irão compor a representação. A paisagem dialoga com a razão e a sensibilidade, em múltiplas sensações, norteadas pela atenção e afeição e em busca de apreender a unidade viva plural. Há uma dicotomia: para que haja o policrômico no olhar humano, são necessárias as trevas e a luz. A luz pode ser sombra, ou traço de luz na opacidade. Isso ocorre por meio de deslocamentos, reencontros e fusões. Surgem duas profundidades, uma enquanto geometria abstrata, e outra sob forma de poder espacializador quanto a cores. Pode-se inferir a paisagem enquanto uma redução, uma vaporização, mas que se manifesta sensivelmente:

[...] a paisagem é, de maneira geral, uma construção cultural, que al não é um objeto físico, que ela não deve ser confundida com o ambiente natural, nem com o território ou o país. A paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela, ou realizada sobre o território (in visu ou in situ) (BESSE, 2014, p. 61).

Quer seja no sentido subjetivo ou no realista, a paisagem é oriunda do visível. “Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções e limites, centralidades e periferias” (BESSE, 2014, p. 64). Essa visibilidade passa por ordem estatutária em decorrência de sua funcionalidade e significação. As interações provenientes do tempo e do espaço promovem as mudanças

percebidas na paisagem. Para Besse (2014), o fato geográfico é uma inscrição; os objetos do olhar geográfico são traços, impressões da atividade humana e suas marcas. “[...] A paisagem, aos olhos do geógrafo, é uma impressão” (BESSE, 2014, p. 67). Trata-se de um testemunho humano que humaniza a natureza, mediatiza as formas naturais e as transforma pela intervenção do homem. O mesmo autor evoca Eric Dardel para o entendimento da palavra geografia:

[...] há uma grafia objetiva da terra, e o saber geográfico é fundamentalmente o empreender a leitura e a decodificação destes signos da escrita que são os desenhos das costas, os contornos das montanhas, as sinuosidades dos rios e também diferentes formas de estabelecimento humano sobre a Terra (BESSE, 2014, p. 70).

Ao pensar acerca dos espaços geográficos (em razão das múltiplas diferenças), esses revelam a significação flutuante da superfície do mundo. A geografia fenomenológica busca apreender as significações, um contínuo devaneio da matéria nas fisionomias e qualidades dos fenômenos terrestres que o homem tem contato nas interações sociais e espaciais. As experiências resultam em simbologias e sentidos. A habitação da Terra implica, por parte do homem, uma contínua dialética com os sentidos. Dessa forma, a realidade geográfica e suas reflexões visam ao encontro da existência humana com a Terra. A realidade do espaço terrestre é o que o corporifica, sustentando-o. Não se trata de fechamentos, mas do que possibilita aberturas inconclusões, aberturas de sentido e de história.

Dardel (2015) evoca estudos humanistas ao apresentar a *geograficidade* no sentido de uma manifestação geográfica do ser-e-estar-no-mundo. A geograficidade, enquanto mediadora dos diálogos entre lugar e paisagem, fomenta uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica. Além disso, suas perspectivas no âmbito da experiência concreta possibilitam a formação de uma consciência histórica. A geografia adquire caráter compreensivo e filosófico. A relação entre lugar, paisagem e a própria existência torna-se manifestações humanas em sua relação holística com o planeta.

A escrita, ao manifestar a representação geográfica, por muitas vezes ganha em literacidade e expressão, e essa ressignificação perpassa pela reestruturação da dimensão temporal. Na fronteira entre a materialidade e a imaginação, emerge uma geografia primeva em que espacialidade e mobilidade norteiam as práticas humanas, direcionando

os seus fazeres em múltiplas direções (ir)reais. “[...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (DARDEL, 2015, p. 2015).

As impressões subjetivas mesclam-se com as apreensões dos códigos geográficos, revelando as policromias do mundo em sua existência. A temporalidade do ambiente terrestre confere inteligência e saber ao homem, no seu diálogo como pessoa e sujeito. O lugar terrestre tem sua percepção alterada por fatores como as estações climáticas, a hora do dia e suas configurações socioespaciais.

As subjetividades são transmitidas às realidades geográficas, permitindo ao homem ver a si enquanto sujeito e/ou objeto, na concretude de suas práticas. Isso é possível pela convocação do ser nas relações dos conjuntos presenciais que o circundam. Manifestam-se a exemplo do sol, da lua, das estrelas, enfim, da paisagem circundante. Também há zonas de silêncio, em que as implicitudes e opacidades convidam à exploração. “[...] O complexo sagrado-maldito, sempre instável e reversível, mantém sobre suas delimitações uma incerteza profunda, o mundo ‘selvagem’ e sublevado pode a qualquer momento invadir o “mundo” ordenado e cultivado” (DARDEL, 2015, p. 55).

A compreensão da geografia ultrapassa um ambiente fechado de observação. Ela é um meio da realização humana, e a Terra representa a localização de tal possibilidade. É um diálogo entre o conhecimento e a existência. O mundo geográfico torna-se acessível a partir das experiências vividas, em um ajuste entre o humano e o terrestre. Elas são atingidas quando o homem se depara com os elementos significativos que o circundam e lhe dão significado.

A atividade do geógrafo transcende a exploração. Ao lidar com o humano, encontra um conjunto de valores que requer um exercício de interpretação e diálogo. O mundo se apresenta em um universo de possibilidades voltadas a ações do cotidiano, envoltas em escolhas morais e políticas. Essas escolhas refletem a temporalidade histórica. A explicação consiste na identificação com o fenômeno integrado a relações lógicas. São afetividades que se singularizam aos locais e significados.

A distribuição múltipla da Terra é um dos aspectos que o saber geográfico tenta exprimir, repercutindo uma linguagem humana. E o humano, na busca de encontrar uma linguagem emotiva abarcadora da expressividade do local, na busca pelo mítico, tenta

emocionar por meio de palavras e imagens. Estas últimas são impregnadas pelo real e pelo sentido, referindo-se à forma e ao ser.

6. (IN)CONCLUSÕES

Memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória, e vice-versa. Isso porque

São as diferentes temporalidades próprias às sociedades consideradas que vão ter um papel fundamental nos processos identitários. Estes vão ser forjados e instaurados a partir de memórias cuja natureza depende estreitamente das modalidades segundo as quais os membros de um grupo representam o tempo [...] e se acomodam num fluxo temporal irreversível (CANDAU, 2014, p. 85).

Suas múltiplas relações integradas às várias dimensões da sociedade e sua posição como instrumento plurissignificativo para diferentes grupos indicam sua riqueza de estudos e possibilidades de investigação. A compreensão de tempo, lugar e cultura são fundamentais para estabelecer uma conversa ou um diálogo com o texto. Encontrar maneiras de conectar pontos de vista variados, expandir os horizontes por meio de um diálogo ativo com o outro, são atividades processuais que transformam o texto e o leitor.

Qualquer documento histórico é uma construção permanente com inúmeras possibilidades de interpretação. A subjetividade da produção histórica, da importância do documento soma-se às leituras variadas que um documento possibilita. Segundo Pinsky (2013), o documento é mutável, relacionando-se no sentido que o presente confere a personagens ou fatos bem como a dialogicidade entre as fontes não tradicionais e clássicas. As problemáticas comuns ao presente e ao passado e evidenciadas na construção da trama expositiva levam à compreensão dos processos e sujeitos históricos, relações sociais no tempo e no espaço. Isso decorre do uso de metodologias apropriadas, olhar consciente e incentivo à prática interdisciplinar.

A obra emerge enquanto metáfora epistemológica ao possibilitar manifestações sensoriais ao leitor, ante a liberdade, polifonias e policromias. Elas encontram-se nos entrecos dos nexos, das interpretações e imprevisibilidades de (re)significação, em uma manifestação correlata entre incerteza e indeterminação. Dessa forma, a geração de

mensagens estéticas em uma língua edênica revela que a: “[...] ambiguidade permite que a mensagem se torne inventiva em relação às possibilidades comumente reconhecidas ao código, e é uma característica comum também ao uso metafórico (mas não necessariamente estético) da linguagem” (ECO, 2015, p. 238).

Ao perceber as complexidades das relações sociais no cotidiano e na organização social mais ampla, toma-se consciência de qual o lugar que o indivíduo ocupa e como são construídas as identidades pessoais e sociais em dimensão temporal e cultural (entendida como não apenas o conjunto de manifestações artísticas, mas envolve a diversidade de práticas). O tempo deve ser compreendido como uma criação cultural e histórica, oriundo de um produto de sociedades ao longo de diversos momentos e espaços.

7. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

COLLOT, Michel. *Poética e Filosofia da Paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

ECO, Umberto. *Obra aberta: formas e indeterminações na poética contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Felipe Moura. *Tristes Fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão e litoral*. 2017. 347 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2017. Curso de Doutorado em Geografia.

FILHO, Domício Proença. *Estilos de época na literatura*. 15. Ed. São Paulo – SP. Editora Ática, 2004.

GOMES, Paulo César da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

LARÊDO, Salomão. *Raymundo Moraes na planície do esquecimento*. 2007. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Belém, 2007. Curso de Mestrado em Letras.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 4. ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAIS, Raimundo de. *Os Igarauínas*. São Paulo: Roswita Kempf, 1985.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014 (livro digital).

PINSKY, Carla Bassanezi. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução por Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SERPA, Angelo. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 2021.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida – uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2015.

Recebido em 12/08/2024

Aceito em 15/10/2024

Publicado em 17/12/2024